

## APRESENTAÇÃO

### **Epistemologias da pesquisa no campo aplicado dos estudos da língua(gem)**

*Porque epistemologias (e não epistemologia no singular) e porque campo aplicado dos estudos da língua(gem) (e não dos estudos linguísticos)*

A resposta mais simples à primeira questão acima é que a pesquisa nesse campo no Brasil não tem se pautado por uma única referência, modelo ou concepção do que seja produzir conhecimento válido, ou relevante, em contextos institucionais. Esse é o campo em que se confrontam e se combinam referências diversas, desde as inspiradas nas ciências naturais (tradições positivistas, racionalistas, objetivistas, naturalistas, etc) até as inspiradas nas ciências sociais, na história e na filosofia da segunda metade do século XX (realismo crítico, neopragmatismo, socioconstrutivismo, construcionismo, desconstrucionismo, etc)

E a resposta mais simples à segunda questão acima é que o campo aplicado dos estudos da língua(gem) não tem se circunscrito a um campo disciplinar específico dentro dos estudos linguísticos, comumente compreendidos e institucionalmente afixados como estudos em teoria linguística (teoria da gramática, do texto e do discurso), seja ela de base empírico-experimental ou não, seja ela “aplicável”, ou não. Da mesma forma como não tem se reduzido ao campo específico de nenhuma outra disciplina que também o atravessa e constitui, como a sociologia, a antropologia e a psicologia, para citar as historicamente mais relevantes.

Sendo assim, o primeiro fato aqui pressuposto é que esse não é um campo disciplinar em sentido estrito, ou seja, não constitui uma disciplina específica. É antes um campo inter e/ou transdisciplinar, cuja principal característica é a de estar sempre em processo de re-configuração, tanto pelas ações dos que nele atuam, quanto pela metareflexividade que caracteriza grande parte dessas ações, como no caso da pesquisa filiada à Linguística Aplicada inter/transdisciplinar e crítica, que reúne frentes de atuação e reflexão sobre a língua(gem) em uso nas práticas sociais, sobre teorização e política linguística, e sobre o impacto de tudo isso nessas mesmas práticas, inclusive as acadêmicas.

*Por que um número especial sobre epistemologias da pesquisa nesse campo*

As perguntas que nos interessam contemplar nesse número são de ordem interna ao campo, ou seja, atendem a necessidades e indagações surgidas nesse campo específico dos estudos da língua(gem) e, portanto, ecoam discussões em curso em diferentes grupos de pesquisa e eventos científicos espalhados por todo o país, particularmente os filiados à Linguística Aplicada inter/transdisciplinar, mas não apenas.

Parte dessas discussões foram recentemente trazidas para o 62º. Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), através de seminários temáticos sobre pesquisas em andamento e de mesas-redondas sobre epistemologias da pesquisa no campo aplicado dos estudos sobre identidade, multiculturalismo, ensino de língua e tradução<sup>1</sup>. A proposta deste número temático é uma tentativa de se retomar e expandir o que foi trazido para esse evento, possibilitando a participação de um número maior de pesquisadores de diferentes instituições do país e de frentes diversificadas de pesquisa. O principal objetivo visado é, pois, o de dar continuidade e visibilidade a uma reflexão já em curso, por um lado, e, por outro lado, contribuir para a qualificação de agendas de pesquisa que julgamos de grande interesse para o país.

---

<sup>1</sup>. Os seminários temáticos integraram a programação regular do evento realizado no IEL/UNICAMP, de 30.06 a 03.07.2014. As mesas-redondas integraram a programação das Reuniões de Grupos de Pesquisas abrigadas pelo GEL no dia 3.07.14 (<http://www.gel.org.br/62-seminario-programacao-completa.pdf>. Acesso em 20.11.14).

*Por que epistemologias (e não métodos ou modelos)*

A questão epistemológica é de interesse para a pesquisa no campo aplicado porque está relacionada à metareflexividade, cada vez mais necessária e urgente: que tipo de conhecimento se está produzindo com e sobre a língua(gem)? Como? Com base em quê? Em benefício (ou prejuízo) de quem?

Claro está que a resposta a essas perguntas não se desvincula de questões ontológicas relacionadas à construção de objetos de estudo, aparatos conceituais, categorizações, etc. Mas não se trata aqui de estabelecer critérios de avaliação de métodos e modelos de pesquisa e sim de trazer novos subsídios para a reflexão crítica em todas as frentes, inclusive as que colocam em xeque o próprio conceito de epistemologia herdado da tradição científica e disciplinar. Isso porque acreditamos que todo deslocamento provocado pela reflexão inter/transdisciplinar tem um papel crucial, não só na formação de novos pesquisadores, como também na melhor articulação entre diferentes linhas e programas, suas perspectivas teórico-metodológicas, seus achados e seus impactos sobre as práticas, inclusive as acadêmicas.

*Que questões de ordem epistemológica interessam ao campo e de que modo estão aqui representadas*

O fato da grande maioria dos trabalhos apresentados estar filiada à Linguística Aplicada inter/transdisciplinar dá ao conjunto uma inflexão metareflexiva e crítica que nos parece relevante frente aos objetivos desse número temático, acima mencionados. Nesse sentido, cumpre destacar a discussão de categorias e modelos de representação e análise do sujeito, da subjetividade, dos processos de subjetivação, bem como do contexto e dos processos de re-contextualização e deslocamento; do espaço, do tempo, da linguagem e dos letramentos.

Um traço comum aos trabalhos apresentados é o caráter operacional (*techné*) atribuído aos conhecimentos disciplinares sobre gramática, texto e discurso, ou seja, categorias e modelos linguísticos são recursos a serem articulados a outros na produção de conhecimento sobre questões não propriamente linguísticas em sentido estrito.

E dentre essas questões não propriamente linguísticas em sentido estrito, a da micropolítica da vida cotidiana em contextos específicos é comum a vários trabalhos, nos quais se atribui à etnografia, o papel de episteme, ou seja, um modo “oneroso”, nos termos de Pedro Garcez, mas produtivo de construção do conhecimento situado, no sentido de comprometido politicamente e eticamente com os demais envolvidos na pesquisa.

Na seção Debates são propostos itens de discussão relacionados tanto à pesquisa em Linguística Aplicada quanto em Teoria e Crítica Literária.

*Agradecimentos*

Além da contribuição dos autores, gostaria de agradecer a contribuição dos 38 pareceristas ad hoc e da direção da revista na elaboração deste número.

Campinas, 30 de novembro de 2014.

*Inês Signorini*